

O Capa-Branca: memórias do funcionário que se tornou paciente de um dos maiores hospitais psiquiátricos do Brasil

No dia 14 de maio de 2020 foi realizada a live “O Capa-Branca”, com Daniel Navarro Sonin, promovida pelo UniBrasil Centro Universitário como mais um evento do Academia UniBrasil. Contou com o apoio da professora Dulce Mara Gaio, do curso de Psicologia, e da professora e coordenadora do curso de Psicologia, Graciela Sanjutá Soares Faria. A palestra, seguida de diálogos, foi realizada em alusão ao dia nacional da Luta Antimanicomial - 18/5. O enfoque foi o livro “O Capa-Branca - de funcionário a paciente de um dos maiores hospitais psiquiátricos do Brasil” que se tornou possível a partir de um bonito encontro e laço de produção construído entre o palestrante e o co-autor Walter Farias.

AUTORAS

Graciela Sanjutá Soares Faria

Mestre e doutora na área de Instituições, Organizações e Trabalho; especialista em Psicopedagogia institucional; professora e coordenadora do curso de Psicologia do UniBrasil Centro Universitário.

Jessica Magari Ferazza

Estudante do 9º período do curso de Psicologia do UniBrasil Centro Universitário.

Daniel Navarro Sonin, jornalista e escritor, escuta e empresta sua voz, por meio de uma escrita sensível, a Walter Farias, ex-funcionário do Hospital Psiquiátrico do Juquery, que se tornou paciente da mesma instituição.

Daniel Navarro Sonin, ao ouvir a história de Walter na mídia, foi ao seu encontro e juntos, de mãos dadas, suportaram contar uma das tantas histórias, doídas e de maior desrespeito aos direitos humanos, referentes ao modelo manicomial empregado, por tantos anos, como padrão de tratamento psiquiátrico e de saúde mental. Este livro se torna ato para marcar uma borda para a invisibilidade de tamanhos sofrimentos de sujeitos, objetificados e coisificados, no seu processo de tratamento de saúde mental dentro do instituído manicomial, assim como na posição de empregado desta instituição: apenas um “capa-branca”. É ainda um forte convite aos cortes e não repetições de grandes erros históricos. A escrita do jornalista, assim como a sua fala, dão leveza para um conteúdo de imensa dureza e aridez, tornando suportável para o leitor entrar em contato e não recuar, e não sem lágrimas para muitos, diante das imensas dores vivenciadas por Walter.

No livro, eles percorreram menos de uma década da trajetória laboral de Walter, precocemente encerrada pelo seu adoecimento, próximo dos seus 30 anos, e perto de dois anos de seu internamento. Entretanto, dá ao leitor a sensação da duração de toda uma vida diante das marcas cravadas. Mesmo Walter tendo relatado o vivido para o jornalista, algumas décadas após o ocorrido, ele termina o livro a dizer que saiu do manicômio, mas o manicômio nunca saiu de dentro dele.

É bem fácil entender o manicômio impregnado na subjetividade de Walter, a partir de seus relatos da violência empregada na expropriação de sua identidade, ficando totalmente esvaziado de si mesmo, de sua autonomia e liberdade, tanto como trabalhador como no lugar de paciente do Hospital Psiquiátrico do Juquery. Ele experimentou duplamente violações de direitos e violências na imersão neste espaço institucional.

Walter diz:

“Tinha me transformado em um ser banguela e careca que andava pelos corredores com um uniforme encardido. Minha cabeça raspada e minha boca sem dentes me deixaram ainda mais irreconhecível. Aos poucos desisti até de pensar em tomar qualquer atitude. Só saía do quarto para comer. O fedor e a imundície já não me incomodavam mais.”

Após este encontro, o jornalista e Walter nunca mais seriam os mesmos e uma expansão de universos se deu. Apesar do que nunca se consegue

deixar para trás, Walter pôde tatear novos lugares e, além de compositor de mais de 400 canções de variados estilos, viaja pelo país apresentando as histórias do livro em universidades, congressos, escolas, hospitais e Centros de Atenção Psicossocial (Caps), entre outros.

A partir da escuta das falas do jornalista, os estudantes do UniBrasil foram desafiados a uma produção de texto através de um concurso amplamente divulgado. Compartilhamos, a seguir, a poesia desenvolvida pela estudante do 9º período do curso de Psicologia, Jéssica Magari Ferazza.

Do branco ao carmim

Há quem diga que existem olhos “sondantes” pelas nossas janelas.

Paredes que possuem ouvidos e casas que o grito é silenciado por um fio condutor de mentiras.

Qual é o preço do desvio? Não ousam quebrar regras, mas interferem e ferem aquele que vomitou gritos, quando faltaram palavras para expressar a dor do castigo.

Se com ferro feri, com a loucura fui ferido. Um abraço poderia ser a cura, mas fui envolto por paredes acolchoadas de capas brancas. Posso assim, ser um super-herói? Não é a capa que coroa um digno salva(dor)?

A pele que desenhei em mim, passou a habitar em lama. Fui um falso senhor da minha própria morada.

O fogo lampejou por relatos. Se pudesse escolher, queimaria a mim e a todos aqueles que detiveram quem tinha motivos para gritar. As mordanças realmente estavam nas almas dos chicoteadores, escravizados pelo próprio gozo de matar mentes barulhentas, e acreditavam estar mantendo a ordem.

Fui eu quem disse: existem olhos pelas minhas janelas. Agora acrescento que nelas há lampejos de piedade. Mas quando foi que tive uma janela? A liberdade de fazer o que queria, me fez cair em uma grande cilada. Olha eu aqui, no pé da escada aguardando minha carne se ferir outra vez.

A história é contada, e de senhor nunca tive nada. Sou vítima do meu próprio tormento, hoje lamento ser fantasma, que não vaga sem se prender cada vez mais.

Mas não é de todo mal; engoli meu martírio ao vomitar palavras, não tiraram de mim o ato de levar os poucos sentidos para quem quis co-

nhecer de perto um louco, não um louco qualquer, mas aquele que deixou de sentir a vida por carregar uma cruz forjada.

Vejo olhares espantados por aquele que mata o que te matou. Mas o que você acha de quem se diluiu em gritos por tentar escapar do eu lírico? Não é fácil encarar um tormento sozinho.

A loucura estava em mim e está em você. São paredes com ouvidos, prestes a se desprender quando ousar não surtar.

De loucura ninguém se cura, pois contra si não há remédio, ela se apresenta com o tédio, por uma desconexão ao caminhar.

Não há bordas, nem miçangas, muito menos regras que possam conter quem de si já está cheio.

Entrei aqui pela porta da frente, julgando que o mundo lá fora era dureza. Ó, pobre Walter! Que não sairá com a mesma alma que adentrou.

Entrei sem contenção, desejava ficar e sair-los. Morri! Pois de mim não restou nem a mim, mas só uma capa-branca suja por mãos apertadas demais.

É, os loucos dão trabalho. São muitos olhos sondando suas janelas que desembocam em uma serra, ao tentar escapar da contenção.

Tinha medo dos enfermos. Mas vi, não fazemos mal algum. Agora temo quem acredita ser salubre. Pois esses sim são os que enxergam solução no chicote.



Jéssica Magari Ferazza